

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
Campus Aquidauana
GRADUAÇÃO EM MATEMÁTICA - LICENCIATURA

JOÃO OTÁVIO DE OLIVEIRA LARA

**CAMINHANDO ENTRE MEUS ESPAÇOS FORMATIVOS: A QUAL
INSTITUIÇÃO PERTENÇO?**

Aquidauana – MS

2024

JOÃO OTÁVIO DE OLIVEIRA LARA

**CAMINHANDO ENTRE MEUS ESPAÇOS FORMATIVOS: A QUAL
INSTITUIÇÃO PERTENÇO?**

Trabalho de conclusão de atividades orientadas de ensino, apresentado ao curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - Campus de Aquidauana, sob orientação da Professora Dra. Susilene Garcia da Silva Oliveira.

Aquidauana – MS

2024

AGRADECIMENTOS

Expresso minha gratidão, iniciando especialmente pela minha orientadora, professora Susilene, por quem tenho um enorme carinho e admiração pelo seu trabalho. Agradeço pelos três anos de orientação, sei que foi muito tempo, mas um tempo muito valioso, onde aprendi muitas coisas que foram importantes para minha formação. A cada reunião e encontro, se tornaram momentos eficazes para pensar, refletir e dialogar e o mais importante, questionar. Convencê-la era uma tarefa difícil de fazer, mas levarei comigo esses momentos que para mim foram especiais. Sentirei saudades das nossas conversas.

Agradeço também ao meu amigo Telvino, uma pessoa incrível que levarei para a vida. Sua presença constante, apoio e incentivo foram fundamentais durante toda essa jornada. Recordo-me com carinho do livro que você me presenteou durante minhas pesquisas, um livro de matemática do 9º ano, que me ajudou imensamente em um momento em que eu ainda não sabia ao certo o que queria pesquisar. Fiquei muito feliz quando ouvi ele falar sobre funções, e sua generosidade em me dar aquele livro fez toda a diferença.

O Theo, como costumamos chamá-lo, foi essencial não apenas na questão acadêmica, mas também como um amigo que me apoiou durante um dos momentos mais difíceis da minha vida, a perda da minha mãe. Nesses momentos, ele nunca me deixou sozinho; sempre estava ao meu lado e, se eu sumisse no campus, já estava à procura de mim. Suas boas conversas e distrações me ajudaram muito a superar essa fase difícil. Sou grato a ele de coração.

Em memória da minha mãe, levo comigo os ensinamentos que ela me deixou: a importância de nunca desistir dos nossos sonhos, de sempre correr atrás do futuro e, acima de tudo, de manter a fé. Apesar das dificuldades de viver sem ela, continuei em frente, sempre com um coração bom e com seus ensinamentos me guiando.

À minha família, expresso meu sincero agradecimento por estarem sempre ao meu lado. Ao meu pai Ivan, que sempre esteve comigo e sempre lutou por mim, ao meu irmão Carlos, que me apoia em tudo que faço e me ajuda especialmente com questões de informática; a minha tia Ana, que é uma excelente conselheira e sempre está disponível para me apoiar em qualquer situação. Agradeço também pelo amor que nunca faltou, e também para a minha prima Thais, que além de tudo, foi essencial para que eu realizasse meu sonho de entrar na faculdade, e de me preparar com suas aulas de língua portuguesa para o vestibular, sou grato a você.

Por fim, ao Wagner, cuja disposição em me ajudar, especialmente na tradução do resumo, foi inestimável. Sou grato por ter você ao meu lado, mesmo em meio às suas obrigações de trabalho, teve disposto em reservar um tempo especial para essa tarefa. Seus insights valiosos ajudaram-me a compreender melhor o significado das palavras e enriqueceram a qualidade do meu trabalho.

Obrigado por cada um de vocês, pois vocês fizeram com que eu sempre seguisse em frente, e a Deus, por me dar forças, para persistir, mesmo quando as coisas não estavam fáceis. Muita gratidão a todos.

RESUMO

Minha trajetória acadêmica na graduação de Matemática teve início em 2021, em meio a desafios e expectativas, especialmente devido à pandemia, que impôs um início remoto. Desde os primeiros semestres, enfrentei uma série de experiências que foram fundamentais para moldar minha compreensão sobre o ensino e o aprendizado da Matemática. No início, o conteúdo abordado parecia familiar, refletindo tópicos da educação básica, o que, para mim, foi inesperado, mas também tranquilizador. Porém, logo vieram os desafios, como a dificuldade em disciplinas específicas, e situações pessoais, como os problemas de saúde da minha mãe, que exigiram que eu dividisse meu tempo entre os estudos e o cuidado com ela. Com o avanço dos semestres, participei de disciplinas voltadas à prática de ensino, como Prática de Ensino I, onde conheci a fundo o conceito de contrato didático de Guy Brousseau. Esse foi um marco importante na minha formação, pois comecei a entender melhor a relação entre professor e aluno e como as expectativas de ambos influenciam o processo de ensino-aprendizagem. Além disso, minha participação no PIBID foi uma oportunidade única para aplicar teorias na prática, interagir com professores experientes e acompanhar de perto as dificuldades dos alunos, especialmente em matemática, um conteúdo que muitos consideram desafiador. A experiência do estágio obrigatório também me proporcionou vivências enriquecedoras. Pude observar a diversidade socioeconômica nas escolas e como isso impacta a aprendizagem. Notar a diferença no desempenho dos alunos, especialmente após o período remoto durante a pandemia, me fez refletir sobre a necessidade de adaptar estratégias de ensino para atender melhor às demandas dos estudantes. Ao final de todas essas etapas, percebo que minha formação não se limita ao aprendizado teórico, mas também à compreensão das dinâmicas reais da sala de aula, dos desafios dos alunos e das práticas pedagógicas que podem fazer a diferença na vida deles. Essas experiências me prepararam para ser um professor atento e comprometido com o processo de ensino, buscando sempre maneiras de facilitar o aprendizado e promover o desenvolvimento integral dos meus futuros alunos.

Palavras-chave:

Formação acadêmica, Ensino de Matemática, PIBID, Estágio supervisionado.

ABSTRACT

My academic journey in Mathematics began in 2021, amid challenges and high expectations, particularly due to the pandemic, which required a remote start. From the first semesters, I encountered a range of experiences that were crucial in shaping my understanding of teaching and learning in Mathematics. Initially, the content was familiar, revisiting topics from basic education—a surprise but a comfort as well. However, challenges soon arose, such as difficulties in specific subjects and personal situations, like my mother's health issues, which required balancing my studies with caregiving responsibilities. As the semesters progressed, I engaged in teaching practice courses, such as Teaching Practice I, where I explored Guy Brousseau's concept of the didactic contract in depth. This was a significant milestone in my training, as I began to understand the teacher-student relationship and how mutual expectations influence the teaching-learning process. Additionally, my involvement in the PIBID program provided a unique opportunity to apply theory in practice, collaborate with experienced teachers, and closely observe students' difficulties, especially in mathematics a subject many find challenging. The mandatory internship experience also offered valuable insights. I observed the socioeconomic diversity in schools and its impact on learning. Observing disparities in students' performance, especially after the remote learning period during the pandemic, prompted me to reflect on the need to adapt teaching strategies to better address students' needs. Reflecting on these experiences, I realize that my training extends beyond theoretical knowledge to include a deep understanding of classroom dynamics, student challenges, and effective teaching practices. These experiences have prepared me to be an attentive and committed teacher, always striving to facilitate learning and promote the holistic development of my future students.

Keywords: Academic training, Mathematics teaching, PIBID, Supervised internship.

SUMÁRIO

Introdução	8
1. O Caminho da formação: Desafios, experiências e crescimento na jornada acadêmica em matemática	9
2. Onde começa minha história? Se é que se tem um começo.	14
3. Eu gosto de matemática: já dá para fazer pesquisa?	16
4. O meu movimento na pesquisa, o início.	18
5. Pesquisar, pesquisa, um olhar. Que comecem os jogos!	19
6. Encontro com objeto de pesquisa.	22
6.1 A escola, os alunos na sala de aula.	23
6.2. PIBID	24
7. Sala de Aula: Explorando o ambiente de aprendizado e interação	27
8. Transformação e Identidade: Minha jornada de indivíduo a sujeito no contexto das instituições.	28
9. Minha trajetória acadêmica: Um paralelo entre experiências pessoais e a teoria antropológica do didático	31
9.1 As aulas	32
9.2 A experiência no PIBID: Reflexões sobre a adaptação pedagógica e as demandas institucionais	33
9.3 Estágio Obrigatório	35
9.3.1 Aula referente ao estágio obrigatório I, em turma de 7º ano	36
9.3.2 Descrição do planejamento	36
9.3.3 Introdução e explanação do conceito de multiplicação:	36
9.3.4 Aplicação prática por meio de atividades impressas:	36
9.3.5 Descrição da aula:	37
9.4 Extensão universitária	39
10. Do ensino ao Diálogo: Minha transformação como educador na construção do saber	41

INTRODUÇÃO

Ao longo da minha trajetória acadêmica, os espaços formativos que experimentei desempenharam um papel essencial na construção do meu entendimento sobre a matemática e a educação. Desde o início, minha relação com a matemática foi marcada por altos e baixos, mas também por um crescente fascínio pelos seus desafios e pela clareza que ela oferece quando compreendida. Foi no ambiente escolar, mais precisamente nas aulas do ensino fundamental, que uma professora despertou em mim o interesse e a curiosidade pelo mundo dos números. A maneira como ela explicava os conceitos de forma tão didática e envolvente fez com que a matemática deixasse de ser uma disciplina difícil e se tornasse, aos poucos, uma paixão.

Com o tempo, fui percebendo que meu interesse por ensinar e compreender as dificuldades dos alunos na aprendizagem da matemática crescia. Quando comecei a dar aulas particulares, pude observar mais de perto as barreiras que os estudantes enfrentavam. O que me intrigava não era apenas o conteúdo em si, mas as diferentes formas como os alunos lidavam com as dificuldades. Por que a matemática, presente em tantas situações cotidianas, era temida por tantos? Quais eram as reais causas dessa dificuldade de aprendizagem? Essas questões me impulsionaram a buscar mais conhecimento sobre o ensino da matemática e me levaram a optar por essa área na minha graduação.

Ao ingressar no curso de Matemática, percebi que minha trajetória estava apenas começando. A teoria que encontrei na graduação complementou a prática que já vivenciava como aluno e professor particular, mas também me revelou novos questionamentos. Foi com o auxílio da minha orientadora, professora Susilene, que comecei a entender o que é ser pesquisador e como poderia transformar minha curiosidade em uma pesquisa acadêmica. Assim, iniciei meu caminho na pesquisa, com o objetivo de estudar o ensino da matemática, focando especialmente nas

dificuldades dos alunos e no papel do professor como mediador desse aprendizado.

Hoje, ao refletir sobre minha jornada, vejo que os espaços formativos em minha vida acadêmica e pessoal foram essenciais para moldar minha identidade como estudante e futuro professor. O estágio, por exemplo, representa uma etapa fundamental desse processo, pois é nele que busco compreender melhor como a teoria se aplica na prática, como os alunos realmente lidam com os desafios da matemática e como posso contribuir para uma educação mais eficiente e acessível. Ao observar e participar desse processo, tenho a oportunidade de aprender e, ao mesmo tempo, ensinar, colocando em prática tudo o que venho construindo ao longo dessa caminhada.

1. O Caminho da formação: Desafios, experiências e crescimento na jornada acadêmica em matemática

Eu comecei minha vida acadêmica no ano de 2021, nesse tempo eu já pensava em perspectiva na área que eu iria seguir, muita gente me dizia, que o curso que eu faria, é difícil, tem que gostar, ou tem que ser bom. Mas eu não ligava para isso, afinal eu gosto de desafio, e talvez a matemática fosse um desafio.

Então, depois de todo processo de realmente querer cursar matemática, comecei meu primeiro semestre, só que para minha infelicidade, o curso começou de forma remota, mas foi preciso, pois estávamos em época de pandemia, no qual os cuidados tinham que ser redobrados, por conta do contágio do coronavírus. Neste momento, não entendia muita coisa sobre os sistemas da UFMS, como o Siscad, AVA UFMS, nada disso, mas na recepção aos calouros, o corpo docente do curso fez uma aula explicando, como acessar, como fazer o cadastro, passaporte, entre outras informações.

Após entender todo esse processo, comecei a estudar, cada professor fez suas aulas, de acordo com que achavam conveniente, e no meu primeiro ano de faculdade, foi realmente muito tranquilo, vi conteúdos que já tinha visto no ensino básico, acho que isso para mim, talvez, tenha sido uma surpresa. Pois pensava, achava que veria conteúdos nesse formato, só na educação básica, mas realmente não foi assim.

Nesse meu primeiro ano, aconteceu algo que nunca tinha acontecido em toda minha vida estudantil, que foi tirar o primeiro zero, para mim, foi algo de medo, e fiquei muito apreensivo, porque tinha noção, que havia somente duas provas (P1 e P2), e a PO (Prova optativa), e justamente fui com essa nota na disciplina de Fundamentos de Matemática IV. Mas isso não fez com que eu me desanimasse, mas também eu estava passando um momento muito delicado com minha mãe, devido aos problemas de saúde que ela se encontrava, nesse momento eu me dividia entre as aulas e o hospital cuidando dela. Não foi um ano fácil, mas, consegui passar para o segundo ano, sem ter nenhuma reprovação. Esse “novo” começo foi mais

tranquilo, comecei bem com as disciplinas algumas eram continuação das anteriores e outras como as disciplinas de prática de ensino, que me chamou muito atenção. Nas segundas, estudava Prática de Ensino I: Didática da Matemática, foi uma disciplina na qual pude conhecer muita coisa sobre a sala de aula, a questão de analisar exercícios, o que saber, o que escolher para ensinar, e nessa passagem, o que me chamou atenção na disciplina, foi estudar sobre o contrato didático, que é definido por “Guy Brousseau” como o conjunto de comportamentos do professor que são esperados pelo aluno e o dos comportamentos do aluno que são esperados pelo professor. O contrato, dessa forma, pode organizar e direcionar as ações da relação aluno-professor, aplicando recursos cognitivos que permite a mediação dos saberes.

Durante minha formação acadêmica, participei de práticas de ensino que me proporcionaram experiências enriquecedoras e impactantes. Ao olhar para o que resultou dessas experiências, destaco a ênfase na modelagem matemática e resolução de problemas como elementos fundamentais. Por meio da modelagem matemática, aprendi a abordar situações do mundo real de forma quantitativa, transformando problemas complexos em problemas matemáticos solucionáveis. Essa abordagem proporcionou uma compreensão mais profunda dos conceitos matemáticos e sua aplicabilidade prática.

A construção de planos de aula foi outra habilidade adquirida. Elaborar um plano de aula envolvendo a seleção de critérios de objetivos de aprendizagem, estratégias de ensino, recursos e métodos de avaliação. Essa prática me ensinou a ser meticuloso na preparação das aulas e a considerar cuidadosamente as necessidades dos alunos. O trabalho em equipe teve um papel significativo em minha formação acadêmica. Colaborar com colegas na elaboração de projetos e na resolução de problemas educacionais permitiu a troca de ideias e perspectivas, enriquecendo nossa compreensão coletiva do conteúdo e das práticas pedagógicas.

Além disso, essas experiências me ajudaram a desenvolver uma visão mais profunda sobre o conteúdo. Por meio da exploração ativa e da

aplicação prática, fui capaz de relacionar os conceitos teóricos com situações do mundo real, o que contribuiu para uma compreensão mais sólida. Por fim, a avaliação desempenhou um papel crucial em minhas práticas de ensino. Aprendi a desenvolver instrumentos de avaliação que reflitam os objetivos de aprendizagem, medindo de maneira precisa o progresso dos alunos. Isso contribuiu para a melhoria contínua do processo de ensino e aprendizagem, as práticas de ensino durante minha formação acadêmica me proporcionaram experiências valiosas, incluindo a ênfase na modelagem matemática e resolução de problemas, a construção de planos de aula, o trabalho em equipe, uma visão mais profunda sobre o conteúdo, atividades centradas no aluno e uma avaliação eficaz. Essas experiências moldaram minha abordagem à educação e fortaleceram minha paixão pelo ensino e pela aprendizagem.

Minha participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) foi uma jornada enriquecedora que pôde unir essas convicções com as experiências adquiridas nas aulas práticas. Diversas experiências relevantes tanto em relação aos alunos quanto ao meu desenvolvimento como futuro professor. Trabalhar diretamente com os alunos, seja em sala de aula ou em aulas de reforço, foi uma oportunidade incrível. Durante as aulas de reforço, pude observar as necessidades individuais dos estudantes e adaptar minha abordagem para atender a essas necessidades. Foi gratificante ver o progresso deles e perceber como uma intervenção pedagógica pode fazer a diferença na aprendizagem de cada aluno.

Minha interação com a professora supervisora foi uma parte fundamental da minha formação. Ela desempenhou um papel orientador valioso, compartilhando sua experiência e fornecendo *feedback* construtivo. Trabalhar ao seu lado permitiu que eu adquirisse *insights* sobre práticas pedagógicas, planejamento de aulas e gestão de sala de aula. Além disso, o PIBID me deu a oportunidade de vivenciar a aprendizagem docente de forma prática. A teoria que eu havia aprendido durante meu curso acadêmico ganhou vida quando a apliquei na prática. Aprendi a lidar com

os desafios do dia a dia, como a diversidade na sala de aula e a necessidade de adaptação constante. Isso me permitiu crescer como educador e desenvolver uma compreensão mais profunda do que significa ser um professor comprometido com o processo de aprendizagem dos alunos. No geral, minha experiência no PIBID foi fundamental para minha formação como professor. Trabalhar com os alunos, a professora supervisora e enfrentar desafios reais de ensino, desenvolver significativamente para o meu crescimento profissional e me deram uma visão mais completa da complexidade e da gratificação da profissão docente.

Quando estava no meu terceiro ano de faculdade, começou uma nova etapa a ser seguida, o estágio obrigatório.

Essa é uma etapa fundamental na formação de qualquer estudante, e para mim, não foi diferente. Ao longo desse período, tive a oportunidade de vivenciar uma série de experiências que foram essenciais para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Em primeiro lugar, o estágio me proporcionou a chance de aplicar na prática o conhecimento adquirido ao longo de minha trajetória acadêmica. Foi uma oportunidade única para colocar em prática teorias, conceitos e habilidades que foram adquiridas nas salas de aula. Isso me permitiu entender a realidade do mercado de trabalho e como as coisas funcionam fora do ambiente acadêmico. Outro ponto importante foi o desenvolvimento das habilidades interpessoais. Durante o estágio, aprendi a trabalhar em equipe, desenvolvi a capacidade de lidar com desafios e conflitos de forma eficaz. Essas competências são fundamentais não apenas na minha futura carreira, mas também na vida pessoal.

Além disso, o estágio me permitiu conhecer a escola e proporcionou uma experiência rica e transformadora que contribuiu para meu desenvolvimento pessoal e profissional. Permita-me conhecer o fundo da realidade do ambiente educacional, desenvolver a empatia pelos alunos e considerar o papel vital que os educadores desempenham na formação das gerações futuras. Essas vivências moldaram minha paixão pela educação e meu desejo de contribuir positivamente para o processo de aprendizagem

dos alunos. Por fim, o estágio obrigatório foi uma oportunidade potencial para construir uma rede de contatos profissionais. Essa rede de contatos é um ativo positivo que certamente será benéfico em minha carreira.

Portanto o estágio foi uma experiência enriquecedora e fundamental em minha jornada acadêmica. Através dele, posso aplicar meu conhecimento, aprender com profissionais experientes, desenvolver habilidades, me permitiu conhecer os desafios e as necessidades dos alunos, suas características individuais e o impacto das estratégias pedagógicas no processo de aprendizagem. Isso me proporcionou uma visão mais holística do ensino, tornando-me mais consciente da responsabilidade e do compromisso que os educadores têm na formação dos jovens. Todas essas experiências foram inestimáveis para o meu crescimento pessoal e profissional futura.

2. Onde começa minha história? Se é que se tem um começo.

Talvez seja na escola! Quando penso nela e no quanto tempo estive nesse espaço penso que é o local no qual se pode aprender, ensinar, trocar informações e experiências de vida, talvez até vislumbrar um futuro o que dá à escola, sob o meu olhar, uma definição mais ampla.

Desde quando eu era criança, sempre gostei de ir à escola, principalmente para conhecer coisas novas, pessoas novas, me apropriar de conhecimentos, aprender, e a cada ano que passava, isso ia acontecendo, sempre gostei de estudar, e nunca reprovei, e minhas notas eram acima da média. Era um bom aluno talvez alimentado pelas cobranças/orientações da minha mãe (em lembrança) que sempre me dizia que o futuro dependeria de mim, por isso a escola foi uma instituição que me acolheu, que me tornou sujeito aprendiz, sujeito em evolução desde os primeiros níveis de ensino, a pensar, a opinar e argumentar.

No ensino fundamental, umas das disciplinas que eu gostava era ciências da natureza, imaginava até fazer uma graduação nessa área. Passei pelo ensino fundamental ainda apostando nesse gostar e quando cheguei no 1º ano do ensino médio, pensei muito bem se era exatamente isso, uma

graduação em Biologia, que eu gostaria de fazer quando terminasse o ensino regular, neste momento essa disciplina já não me despertava interesse, e por motivos óbvios, ou não tão óbvios para outras, mas que para mim em alguns momentos funcionava como um estar apto ou não estar apto para fazer alguma coisa - “a nota baixa”. Resultado desse regulador foi o desinteresse gradativo nessa área, por sentir dificuldade? por não gostar mais da forma como antes? Por conta da nota? não sei. Mas já tinha decidido que não seria aquilo.

Então pensei, o que fazer?

Eu não sabia ao certo o que gostaria de fazer, foi então que talvez, tenha redescoberto duas disciplinas ou tenha sido encantado por elas, a matemática e a química. Mas lembrei que talvez o meu gostar de Ciências tenha sido também em função de ter uma graduação em Biologia onde moro, o que não aconteceria com Química. Nesse caminho de escolhas e opções fui excluindo e incluindo, restando a matemática. A matemática foi minha opção, até porque eu sempre tive notas boas nessa disciplina. Mas esse entusiasmo surgiu por meio de uma professora, que me deu aula no ensino fundamental até o 1º ano do ensino médio, além de ter uma prática de docência que para mim beirava o incrível, ensinava muito bem, e eu conseguia compreender os conteúdos sem dificuldade, talvez ela tenha contribuído para o meu despertar, em relação a matemática, minha curiosidade sobre o mundo dos números.

Aliado a minhas aulas e professora de matemática, estava o papel de professor particular que desempenhei por ser um bom aluno, e pude observar nele e talvez me ver nele, as dificuldades, o porquê e quando o conteúdo não é compreendido. Onde reside essa dificuldade? no conteúdo explícito, na atividade ou em outro, na explicação do docente, ou na compreensão do aluno? São situações que eu me deparava quando sobre a matemática: porque será que a matemática é temida por muitos se ela é utilizada, todos dias, seja para coisas corriqueiras como somar contas, fazer compras, contar cédulas ou coisas mais complexas como cálculos abstratos.

São coisas que estão no nosso dia a dia, e que pra muitos não vale a pena estudar, ou pra quem estuda é coragem?

Relacionar isso se torna um problema, ou seja, se for ressaltar sobre a dificuldade de aprender, ela sempre existiu, às vezes não somos capazes de solucionar um problema, até porque, nem todo problema tem solução. Mas será que esse problema está de acordo com a dificuldade de aprender um certo assunto, ou não temos capacidade de resolvê-la?

A dificuldade de aprendizagem pode estar relacionada a razões sociais, ambientais, psicológicas, cognitivas, familiares e culturais a que a pessoa está submetida. Isso se reflete no ensino, que, por sua vez, se torna falho, ou seja, incapaz de fazer com que o aprendiz avance no processo de aprendizagem. As dificuldades podem ser de ordem extrínseca, do ambiente, ou intrínseca, de ordem individual, mas podem ter mais de uma causa ou a confluência de fatores. (GOMES, PENHA 2021)

3. Eu gosto de matemática: já dá para fazer pesquisa?

Gostar não é algo fácil, a gente gosta e desgosta, às vezes, com uma rapidez impressionante.

Eu amava a ciências biológicas, durante todo o ensino fundamental, a praticidade de entender sobre animais, plantas, algas, células, me atraía sem contar que eu me saia muito bem nas notas, mas aos poucos descobri que não era isso o que eu queria, essa área aos poucos foi perdendo o brilho. Talvez esse deixar de lado fosse consequência das dificuldades sentidas no ensino médio ou talvez não, talvez fosse só a perda de interesse.

Mas juntamente a ciências vinha também a matemática, e no ensino médio essa troca do gostar pareceu ser natural. A curiosidade em relação à matemática surgiu quando uma professora do ensino fundamental que me deu aula até o 1º ano do ensino médio, me mostrou então como era a matemática, e aquilo foi despertando minha curiosidade sobre o mundo dos números.

Aos poucos, minhas preferências foram mudando, a matemática ora fácil ora difícil, ora errando, outras acertando foi se constituindo como novo “amor”. Descobri que a maior satisfação em matemática, é poder realizar

uma atividade e conseguir resolvê-la sem dificuldade. Por mais que os problemas matemáticos nos permeiam, na maioria das vezes precisarei parar para pensar mais, raciocinar, compreender, isso leva mais tempo e talvez esse tempo seja necessário para conseguir fazer sem dificuldade.

No contexto da minha vida de estudo na educação básica, a matemática foi umas das disciplinas que me despertou para o que eu realmente gostaria de seguir, quando chegasse no ensino superior. Após aulas particulares que dei, quando pude me questionar sobre algumas coisas: o porquê e quanto o conteúdo não é compreendido? Essa dificuldade está aliada ao conteúdo explícito na atividade ou em outro conteúdo? As limitações são do aluno ou do professor? O livro didático ajuda ou não? Todos esses questionamentos impulsionaram a minha vontade. Responder a essas perguntas seria pesquisa?

Queria entender porque apesar da matemática estar em todo lugar, aqueles poucos que se propõem a estudá-la são considerados corajosos.

Não vou discutir a minha coragem, a intenção aqui é outra a de me tornar professor, foi isso que me moveu inicialmente para a graduação. O meu interesse nessa ciência, é me tornar professor e observar, como os alunos se comportam quando se deparam com um exercício, quais são as dificuldades, o conteúdo ou o quanto ele entende dele. Geralmente a minha relação é solucionar ponderações e tentar compreender de que modo as coisas são. Eu gosto de ser pesquisador para tentar entender como as coisas são, por mais que eu estude, parece sempre faltar alguma coisa.

Então chegamos ao ponto: gosto de matemática, sou pesquisador?

Quando iniciei a graduação, de matemática, me deparei com toda a teoria que poderia me explicar algumas práticas. Vivenciei disciplinas que estavam aos poucos preenchendo as lacunas. Mas ainda não poderia ser só isso, eu teria que buscar mais, cavar mais fundo, porque com as aulas vi que os problemas poderiam ser outros, poderiam ter outros. Seriam transformados em outros. Algumas disciplinas despertam sua curiosidade, algumas vivências compartilhadas com colegas ou professores te movem

para as perguntas não respondidas. Preciso pesquisar. E foi assim que começou, meu gostar de matemática me levou a pesquisa.

E hoje o que faço?

Depois de andar por tantos caminhos, por tantos conteúdos, por tantos por onde começar, resolvi o que poderia fazer. Auxiliado por um orientador, um colega, um conteúdo, uma forma, comecei um caminho. Escolhi funções como conteúdo, justificado pelas minhas aulas particulares, vou olhar para o livro didático, em meio a tantas mudanças, Parâmetros curriculares, Base Nacional Comum Curricular, referenciais curriculares ele ainda é o que permanece como principal material de apoio do aluno, isso justifica meu olhar. Vou tentar entender o aluno, a sala de aula, o professor e aí vou precisar de uma teoria que nesse momento é a Teoria das Situações Didáticas.

A teoria das ações didáticas é um conceito fundamental no campo da educação, especialmente para quem está se formando como professor. Ela se refere ao conjunto de estratégias, métodos e práticas que um professor utiliza para ensinar e facilitar a aprendizagem dos alunos. Em outras palavras, são as ações que um educador toma durante o processo de ensino, desde o planejamento das aulas até a interação em sala de aula.

Essas ações incluem a seleção de conteúdo, o uso de recursos educacionais, a organização do ambiente de aprendizagem e a forma como o professor se comunica com os alunos. A teoria das ações didáticas também considera as diferentes abordagens pedagógicas e a adaptação do ensino às necessidades individuais dos estudantes.

Então para transformar o gostar em pesquisa, tem um longo caminho, esse que estou trilhando é um começo.

4. O meu movimento na pesquisa, o início.

No ano de 2022, quando estava cursando o segundo ano de graduação, em meados do mês de abril, recebi um convite da professora Susilene, (Susi como costumam chamar, que é a docente do curso de matemática), por mensagem de *whatsapp* para a gente ter uma conversa.

De início não sabia ao certo do que se tratava e sempre tem uma tensão quando somos chamados por um professor, esse sentimento não muda mesmo estando na graduação, em minha mente idealizava muitas coisas, eu refleti muito sobre essa questão porque minha cabeça aflorava de pensamentos que vão e vem a todo tempo. Sou o tipo de pessoa que está sempre entre a fronteira da personalidade otimista e pessimista, mas ao final da tarde, fui até a universidade, para de fato saber o que a professora gostaria de conversar comigo.

Quando cheguei até sua sala, ela estava tomando café, cumprimentei-a, e ela me pediu para sentar, e foi logo me perguntando:

— João, o que você gosta de fazer?

Respondi que gostava de estudar idiomas, em especial o italiano, e confesso que naquele momento não entendi muito bem o porquê dessa pequena entrevista. Logo depois me fez outra pergunta:

— Qual sua relação com a matemática?

Pensei por alguns instantes e talvez até aquele momento eu nem tinha pensado na minha relação com a matemática. Eu gostava, acho que essa era a relação. Mas posso falar um pouco mais, a minha relação com a matemática, sempre no momento de deduzir o porquê de certas coisas, o porquê deve ser feito assim. Na educação superior vi que podíamos discutir isso nas aulas o porquê mudar um número de membro, troca de sinal, coisas assim. Geralmente penso em solucionar problemas, ponderar sobre algumas ações para poder aprender, compreender de que modo as coisas são. Nesse momento só consegui pensar nessa relação. Mas pensar nem sempre reflete o que falamos, tenho certeza que minha resposta deve ter sido bem mais limitada.

Entretanto, uma conversa que não durou muito tempo, cerca de uns 20 minutos, me fez refletir, o que é ser pesquisador? sou? posso ser? o que preciso fazer? Pensei em objetos matemáticos que teria curiosidade e que gostaria de pesquisar, então a professora me pediu para eu fazer um texto, que envolvesse essa minha relação com a matemática.

5. Pesquisar, pesquisa, um olhar. Que comecem os jogos!

Após algumas conversas, a professora me passou umas atividades orientadas, e disse para mim, que faríamos um encontro semanalmente, para discutirmos as atividades que eu iria fazer. Num segundo momento, a professora me explicou como funcionava as orientações e o que fazer, e uma delas, era o “objeto de pesquisa”.

E afinal o que é um objeto de pesquisa?

O objeto de pesquisa é a parte mais restrita da realidade sobre a qual o problema de pesquisa e sobre o qual o pesquisador atua, tanto do ponto de vista prático como teórico. O objeto da pesquisa deve ser caracterizado por conceitos particulares e específicos, esclarecendo assim as qualidades do objeto, bem como as operações que eles podem tornar essas qualidades observáveis em um determinado momento. (GOMES, P. & PENHA, M. p 45, 2021)

Partindo desse conceito, comecei a pensar em que pesquisar, de imediato em relações matemáticas, a bem da verdade, pretendi em pesquisar o estudo de funções. Com esse objetivo, a professora me pediu que eu pesquisasse em livros didáticos, onde se encontrava as funções no ensino fundamental, e se não encontrasse ela abriria uma exceção no ensino médio. Então me pretendeu que eu olhasse para o currículo referencial de Mato Grosso do Sul e até para a própria BNCC que é Base Nacional Comum Curricular. Desse modo, após olhar nos livros didáticos sobre funções, fui listando todas as coleções aprovadas e os autores pelo guia do PNLD (Programa Nacional do Livro e do Material Didático). Um dos livros de autores que eu me interessei, com a coleção Matemática, de Edwaldo Roque Bianchini e Herval Paccola.

Logo após fazer essa atividade, eu disse a professora que também gostaria de olhar o para o professor e o aluno, e entender principalmente as dificuldades dos alunos, então a professora disse que eu poderia fazer isso na prática, na “sala de aula”, mas ainda era um pouco cedo para fazermos isso, mas essa minha ideia partiria como um objeto da pesquisa em si.

É certo que, um dia tem suas 24 horas, e passamos metade do tempo, numa rotina que nem se damos conta como é ver as coisas além da janela. ao decorrer do dia, especialmente pela manhã, assim como uma rotina,

observo cada detalhe nas ruas, nas travessas que passo, sempre atento para observar o que há de diferente ou que tenha mudado. Na orientação que tive, numa terça feira de um dia ensolarado, a professora Susi, que é minha orientadora, havia me dito um pequeno relato de sua ex orientanda, que ao observarmos ao redor sempre a algo que por vezes não prestamos atenção. Mas eu disse a ela:

— Sempre são as mesmas coisas.

Então ela me disse para eu observar com calma, e que eu veria algo que está em minha rotina que não observo.

Pensando nisso, comecei a observar com calma, e incrível que pareça, na rua em que moro, especificamente na calçada havia uma moita de melancia, que eu não sabia que ela estava lá, e o outro foi de ver uma casa abandonada que estava fazendo reforma.

— Afinal, para que isso serve?

É importante levar em consideração, que o meu cotidiano faz parte de olhar intrínseco, visto que meu objeto de pesquisa, parte de ações cotidianas para poder observar o que me incomoda, que é importante destacar as dificuldades que os alunos sentem em sala de aula, referindo-se aos conteúdos matemáticos, além do que me convém observar a sala de aula, os alunos, o professor e a escola.

Isso sempre me chamou atenção quando eu era aluno na educação básica e até mesmo na graduação. Quando falo da dificuldade do aluno na aprendizagem é importante ter em mente que o aluno enfrenta desafios para que compreenda o que o professor solicita para ele. Diante disso, pode-se dizer que existam causas que dificultam a aprendizagem, desde internas e externas. Internas referente às condições de saúde física e psíquica do aluno; externas referente ao ambiente em que ele vive – família e o próprio sistema escolar. Então desencadear meios que proporcionem a forma didática (que estabeleça parceria na relação entre professor x aluno) de atividades ou ações, que adquira conhecimento prévio.

Evidenciando todos os problemas que eu já vivenciei em matemática, quando dei aula particular, percebi que meu aluno não conseguia entender o conteúdo, não por falta de atenção mais sim pelo exercício que exigia uma construção de gráficos, notei que ele não compreendia como fazer os gráficos, mas calcular e achar valores estava super bem. Vendo essa situação, isso me incomodou. Em minha colocação, quando eu me tornasse professor iria observar como os meus alunos enfrentam dificuldades na realização de uma atividade, mas não foi preciso eu me tornar professor para averiguar essa situação, até porque, posso realizar essa dinâmica na orientação.

6. Encontro com objeto de pesquisa.

A minha principal ideia de pesquisa sempre foi focar especificamente no aluno, observando como ele reage diante das dificuldades de realizar exercícios e, em especial, como a falta de concentração impacta seu desempenho. Ao longo da minha trajetória, percebi que a dificuldade de aprendizagem não é apenas uma questão de entendimento do conteúdo em si, mas muitas vezes está relacionada à forma como o aluno se envolve com o que lhe é proposto. Essa constatação se baseia tanto na minha vivência enquanto aluno na educação básica quanto nas experiências que tive na graduação, onde observei as mesmas dificuldades em contextos diferentes.

Essas dificuldades, muitas vezes, são como desafios a serem enfrentados. A matemática, com toda sua objetividade e clareza, apresenta obstáculos que, para alguns, podem parecer intransponíveis. No entanto, acredito que a chave para superar essas barreiras está no modo como o aluno se envolve com a disciplina e como o ensino é mediado. Esse pensamento me levou a uma inquietação: o que pode ser feito para que a aprendizagem seja mais eficaz? O que realmente causa essa desconexão entre o aluno e o conteúdo?

Ao refletir sobre essas questões, percebi que meu encontro com os **espaços formativos** foi fundamental para entender melhor as dinâmicas da

aprendizagem. Mais especificamente, minha vivência nas instituições de ensino, tanto no ambiente escolar quanto na universidade, foi determinante nesse processo. Essas instituições não apenas me proporcionaram o conhecimento técnico, mas também criaram um espaço de reflexão sobre o que é ensinar e aprender. No caso da graduação, a interação com professores, colegas e as próprias práticas pedagógicas me permitiram perceber a complexidade do processo educacional e, ao mesmo tempo, me desafiar a buscar soluções para os problemas que surgem em sala de aula.

Portanto, os **espaços formativos** em que estou inserido — seja na escola, na universidade ou nas atividades de estágio — não apenas refletem o meu aprendizado acadêmico, mas também me impulsionam a observar o aluno de forma mais atenta, buscando entender suas dificuldades e necessidades. Esses espaços formativos são, na verdade, os terrenos nos quais minhas inquietações encontram respostas e onde posso, de fato, começar a buscar as soluções para os desafios da educação matemática que me propus a investigar.

6.1 A escola, os alunos na sala de aula.

De início, eu sempre quis estar em um lugar que eu me sentia totalmente confortável, e ao chegar um determinado semestre, havia uma disciplina que seria a peça chave de meus objetivos, que no caso é o estágio. Eu sempre sonhei que esse momento chegaria, e com certeza chegou. Nas primeiras aulas da disciplina, tive orientação e obrigações para fazer, mas já tinha conhecimento que teria um processo para seguir, de início, tive que procurar uma escola e um professor, depois preencher um termo e fazer assinatura eletrônica, eu nem sabia o que era isso. É claro, um estagiário passa por vários processos, para poder estagiar.

Então, a escola que escolhi foi a E.E. Felipe Orro. O corpo docente da escola nos recebeu muito bem, a própria direção, então eu fico muito feliz de poder estagiar num lugar que todos são bem vindos, e nos tratam com maior respeito. Logo após, escolhi a professora supervisora, e para minha

alegria, ela ministrava aulas no 7º ano B, portanto, encontrei o lugar que irei estagiar.

No primeiro dia de estágio, cheguei à escola, e fui recebido pela inspetora, que me levou até a sala dos professores e disse para que eu aguardasse, até a professora chegar, que é a professora Anna Cláudia, que atua como professora na rede estadual de ensino. Quando a professora chegou, cerca de 5 minutos tocou o sino e fomos para a sala de aula. Eu me espantei ao ver uma turma tão pequena, que aparentemente havia somente 13 alunos. Eu imaginei que seria uma turma cheia de alunos, mas nem sempre é o que imaginamos.

A turma na qual fiquei, foi muito participativa, além de me deixarem muito confortável para lecionar a aula com eles na minha regência. Correlação ao conteúdo que eu trabalhei com os alunos, seguindo as orientações da professora supervisora, ela pediu que eu ministrasse aos alunos as 4 operações básicas.

Então, o conteúdo foi ministrado no quadro branco e atividades impressas para os alunos. Olhando nesse requisito, pude notar que a turma era bem proativa, mas também haviam alguns alunos, bem poucos que tinham dificuldade. Sempre quando eu passava continhas para eles fazerem, duas alunas ficavam comigo na mesa do professor para auxiliá-las. Isso era muito bom, pois podia acompanhar e analisar como elas resolviam as contas.

Como estagiário, eu me senti totalmente realizado, por estar em sala de aula, e realmente saber como funciona uma aula, os alunos, como o professor lida com as aulas, com as dúvidas, questionamentos, para mim é um começo de uma grande jornada que farei com toda força de vontade, pois é um lugar que eu sempre quis estar.

6.2. PIBID

O primeiro contato foi com a escola. A Escola Municipal Erso Gomes, que é uma escola localizada no bairro da Serraria, na rua Giovanni Toscano de Brito no município de Aquidauana, e que atende aos alunos dos bairros

locais, e também periféricos, e rurais. Uma pequena parte destes alunos vão à escola de ônibus escolar, por morarem distante.

A escola oferece toda a estrutura necessária para o desenvolvimento educacional dos alunos, como por exemplo: Internet de banda larga, refeitório, quadra esportiva coberta, laboratório de informática, sala de leitura, pátio coberto, pátio descoberto, área verde, sala do professor e alimentação. Esses recursos desempenham um papel fundamental no apoio ao aprendizado e no bem-estar dos estudantes, garantindo um ambiente propício para seu crescimento estudantil e pessoal.

Nas segundas feiras, por volta das 06:30, horário que eu chegava a escola, notava que à uma grande quantidade de pais que levam os seus filhos a escola, até alguns pais levam à porta da sala de aula, mas nisso me refiro aos alunos pequenos, de 06 a 10 anos, já os alunos maiores, sempre chegavam sozinhos ou com um grupo de alunos, muitos a pé, outros de bicicleta, de carros e até mesmo de ônibus escolar.

No meu primeiro momento com os alunos, no que diz respeito ao ensino e aprendizagem, deparei-me com uma ampla gama de desafios. Alguns estudantes enfrentam dificuldades para acompanhar o ritmo das aulas, enquanto outros tinham dificuldades em compreender conceitos específicos, mas com o tempo fui tendo liberdade com os alunos e até propriamente conhecendo-os e me enturmando. No início, percebi que a participação e o interesse dos alunos eram variáveis. Alguns estudantes mostravam-se entusiasmados desde o começo, participando ativamente das discussões em sala de aula.

Entretanto, outros pareciam menos envolvidos, talvez devido à timidez ou ao desconhecimento do assunto. Com o tempo, pude observar uma melhora significativa na participação e no interesse de muitos alunos. A primeira turma que fiz parte foi do 9º ano "U", com uma faixa de idade de 14 a 15 anos. Durante os dias, analisei a sala de aula, visando como a professora aplica o conteúdo e como os alunos lidam com a temática.

Olhando para os alunos, notei que muitos deles sentem dificuldades na realização das atividades quando a professora propusera para eles

realizarem. Mas visando isso, esses alunos tiveram pouco aproveitamento da aprendizagem na pandemia, isso fez com que os alunos perdessem a noção de compreensão, até porque como as aulas eram remotas, muitos buscavam respostas na internet. E com as aulas presenciais, a dinâmica mudou, pois eles passaram a tentar resolver os exercícios em sala, e sem uso tecnológico.

Ainda estou na busca dessa questão e de entender como os alunos sentem essa dificuldade, mesmo quando o professor está em sala de aula, propondo o suporte que atende a aprendizagem dos alunos. A matemática é realmente desafiadora, mas não necessariamente seja tão complexa, principalmente na educação básica.

Após um processo de entender de fato o que realmente queria, e de ter as orientações da professora Susi, foi então que através do **Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid)**, tive oportunidade de estar em sala de aula, e observar então o que propõe o meu objeto de pesquisa.

Explorando a relação rotineira dos alunos, parto de assunto que envolve a respeito da situação socioeconômica dos estudantes que frequentam a escola. Eles representam uma ampla diversidade de origens socioeconômicas, desde famílias de baixa renda a famílias de classe média e, em alguns casos, até mesmo famílias de renda um pouco alta. Pensando nisso, com relação a fatores socioeconômicos, e também relacionar no que se diz respeito a aprendizagem, pode se impactar significativamente no desempenho estudantil. Alunos de famílias de baixa renda podem não ter acesso a recursos educacionais fora da escola, como livros, aulas de reforço ou viagens educacionais, o que pode afetar seu aprendizado.

Então, dentro da escola, na qual estou, vejo muito dessas adversidades, desde os alunos enfrentando dificuldades na aprendizagem até mesmo as famílias lidando com desafios financeiros e sociais, outros lidando com questões pessoais complexas. É importante considerar que a escola é um ambiente onde as adversidades podem se manifestar de diversas formas, e em minha concepção é fundamental oferecer um suporte

necessário para ajudar os estudantes a superá-los e prosperar em seu desenvolvimento educacional e pessoal. A forma como enfrentamos as adversidades dentro da escola pode ter um impacto duradouro no crescimento e desenvolvimento dos alunos, preparando-os para os desafios futuros que possam surgir em suas vidas.

No início das primeiras aulas, quando iniciei na sala de aula como pibidiano, os alunos estavam estudando potenciação e radiciação, de maneira geral, poucos alunos sabiam resolver potenciação e radiciação enquanto outros, não sabiam, ou achavam muito difícil. Muitos alunos lutam para compreender a diferença fundamental entre potenciação e radiciação. A potenciação envolve elevar um número a uma potência específica, enquanto a radiciação trata da extração da raiz de um número. Essa distinção pode não ser óbvia para alguns estudantes, levando a erros conceituais. Além disso, a notação usada na potenciação e radiciação pode ser intimidante. Expoentes, raízes e símbolos matemáticos podem parecer complexos para os alunos.

Eles podem não entender completamente o significado desses símbolos e, conseqüentemente, ter dificuldade em aplicá-los corretamente em problemas. Com isso, eu e meus colegas do PIBID, fomos orientados em aplicar aulas de reforço, para ajudar os alunos a entender os conteúdos com atividades. Com as aulas de reforço, pude notar o quanto os alunos tinham muita dificuldade, principalmente em questões simples, como multiplicação, divisão.

7. Sala de Aula: Explorando o ambiente de aprendizado e interação

Na sala de aula, tenho uma ligação constante com os alunos, estabelecendo um ambiente de aprendizado interativo e participativo, onde as trocas de conhecimento, a discussão e o apoio mútuo são fundamentais para o processo educacional. Além disso, falando em específico dos alunos, eles têm um certo grupo de colegas com quem se identificam e interagem com frequência. No entanto, essa tendência também pode apresentar um

ponto negativo devido às conversas paralelas e distrações que surgem durante as aulas, impactando o foco e o aproveitamento do conteúdo.

Quando estou presente na sala de aula, vejo um aluno que não tem socialização com os demais colegas, sempre de máscara de rosto, e também sempre com um casaco verde, além de notar que ele não pergunta muito ao professor, se há suas dúvidas, ou questionamentos, ele só fala com um colega de sua turma, que pelo meu ver, tem mais intimidade.

Um das situações que noto em sala de aula, principalmente quando os alunos estão fazendo atividades, é que eles sempre precisam de auxílios na resolução da atividade, e que é quase todo momento, de certa forma, isso é muito positivo, pois demonstra que os alunos estão engajados no processo de aprendizagem, buscando esclarecimentos e orientações para a compreensão do conteúdo. Isso reflete um ambiente de aprendizagem colaborativo e aberto, onde os alunos se sentem à vontade para buscar ajuda quando necessário. Essa interação constante entre os alunos cria um ambiente de aprendizagem dinâmica e colaborativa, promovendo um entendimento mais eficiente dos tópicos abordados em sala de aula.

Dentro da sala de aula, de modo geral, tem no mínimo 34 carteiras, um armário e uma mesa com livros de história, nas paredes, têm atividades coladas sobre um tnt, que os alunos realizam com outros professores, além de que nas janelas, foi pregado pedaços de papel manilha, para evitar muita claridade.

8. Transformação e Identidade: Minha jornada de indivíduo a sujeito no contexto das instituições.

Sou sujeito de várias instituições, família, escola, grupo de amigos, dupla de irmãos, aprendi e evolui com elas e me transformei ao longo dos anos. De indivíduo a pessoa, de pessoa a sujeito. A minha última, se é que é possível quantificar instituições, tem sido a graduação, possa não ser a última, mas sim a que eu vou falar agora.

Eu faço parte de diversas instituições, como família, grupo de amigos, a escola, a sala de aula. Percebi que sou uma pessoa em evolução, minha

identidade estava em constante desenvolvimento, embora sempre mantendo uma essência única, talvez o indivíduo ainda esteja lá, tentando se manter de alguma forma. À medida que me envolvia com diferentes instituições, especialmente a escola e a universidade, me tornei sujeito delas, submetendo-me, e não entendam isso como algo ruim, às demandas, expectativas e normas impostas por essas instituições.

A relação sujeito e instituição (s,l) se estabelece quando passamos a fazer parte dela, ou seja, quando se submete às suas exigências, práticas e normas. É por meio das interações em diversas instituições que a identidade da pessoa se desenvolve. Em outras palavras, é a soma das experiências em diferentes contextos institucionais que moldam a pessoa ao longo do tempo."

Ao adentrar no contexto universitário, durante a graduação, percebi uma mudança gradual na percepção de mim mesmo e no meu papel dentro das instituições. Nos primeiros dias, senti uma mistura de ansiedade e excitação. Era um ambiente novo, repleto de oportunidades, mas também de desafios. Com o passar do tempo, fui me familiarizando com a rotina acadêmica, com os ambientes de leitura e debate, e com a exigência de um aprendizado mais autônomo.

Essa nova realidade me fez refletir sobre quem eu era e quem desejava me tornar. Comecei a perceber que, além de ser apenas um estudante, eu tinha a responsabilidade de me envolver ativamente nas discussões e de contribuir com a comunidade. Essa mudança de perspectiva não foi imediata; ao contrário, foi um processo gradual que me levou a buscar mais conhecimento e a me engajar em atividades extracurriculares.

Ao longo da graduação, fui exposto a diversas instituições, como a própria faculdade, departamentos, laboratórios e pesquisa, cada uma com suas próprias dinâmicas e expectativas. Nesse contexto, percebi-me não apenas como um indivíduo em busca de conhecimento, mas também como um membro ativo dessas instituições, contribuindo para seu funcionamento e sendo influenciado por suas normas e valores.

A interação com professores, colegas de classe e profissionais do meio acadêmico ampliou minha compreensão sobre meu papel como estudante e futuro profissional. Além disso, as oportunidades de estágio, projetos de pesquisa e participação em eventos acadêmicos proporcionaram uma visão mais ampla das instituições acadêmicas e seu impacto em minha formação. Tornei-me parte de um conjunto, moldadas pelos valores, normas e práticas de cada instituição em que estive inserido. Mas afinal, o que é essa instituição que estou falando?

Segundo *Chevallard (1998)*, "uma instituição pode ser quase o que quer que seja. Devido à natureza da palavra, poderíamos dar uma conotação própria a esse personagem, ou seja, associação ou organização de caráter social, educativo, religioso, de ensino, etc." (KURY, 2002). Porém, não devemos nos surpreender ao vermos, em certos momentos, objetos tomarem o status de instituição. Uma escola é certamente uma instituição, que possui outras instituições a ela agregada, como uma sala de aula, por exemplo.

Desde os primeiros momentos na universidade até o estágio obrigatório, pude observar como os conceitos e princípios da Teoria Antropológica do Didático (CHEVALLARD, 1991) se manifestam em minha jornada educacional.

No início da minha jornada acadêmica, quando entrei na universidade, fui exposto à ideia de instituições como estruturas sociais que exercem influência sobre os indivíduos que fazem parte dela. Essa introdução inicial permitiu-me compreender que as instituições não se limitam apenas à universidade, mas são entidades mais amplas que moldam nossas maneiras de pensar, agir e interagir em diferentes contextos sociais.

Durante minhas aulas, experimentei diretamente a influência dos contratos didáticos. Esses contratos definem as expectativas e comportamentos esperados tanto por parte dos professores quanto dos alunos. Ao estudar disciplinas como Prática de Ensino I: Didática da Matemática, pude compreender como esses contratos organizam e

direcionam as relações entre alunos e professores, mediando a construção dos saberes matemáticos.

No âmbito do PIBID, tive a oportunidade de unir teoria e prática, aplicando os conceitos aprendidos em sala de aula em um contexto real. Sob a orientação da professora supervisora, aprendi a adaptar minhas estratégias de ensino às necessidades individuais dos alunos. Nesse cenário, minha atuação foi mais prática e voltada para a aplicação direta dos conhecimentos adquiridos em situações reais de ensino, contribuindo para o desenvolvimento dos alunos e para minha própria formação como futuro educador. O estágio obrigatório representou o ápice da minha inserção nas instituições. Nesse contexto, pude vivenciar na prática os princípios discutidos em sala de aula, aplicando meu conhecimento em um ambiente real de ensino. Ao lidar com os desafios e conflitos do cotidiano escolar, percebi como os contratos didáticos moldam a dinâmica da sala de aula e influenciam o processo de aprendizagem dos alunos. Aqui, minha experiência foi mais abrangente e consolidou meu entendimento sobre o papel das instituições, preparando-me para os desafios futuros como educador.

Como resultado de minha participação ativa em cada uma dessas instituições, desenvolvi uma compreensão dos ambientes educacionais e fortaleci meu compromisso com o processo de ensino e aprendizagem. Minha capacidade de adaptação e aprendizado em diferentes contextos institucionais foi fundamental para enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades oferecidas ao longo de minha formação acadêmica.

9. Minha trajetória acadêmica: Um paralelo entre experiências pessoais e a teoria antropológica do didático

Ao longo da minha trajetória acadêmica, observei como as teorias apresentadas por Mauss (2007), Douglas (1985) e Chevallard (1991) se entrelaçam em minhas experiências e como elas moldaram minha compreensão sobre o papel das instituições na educação. Esses autores, especialmente quando relacionados à Teoria Antropológica do Didático

(TAD) de Chevallard, fornecem um alicerce teórico que evidencia o papel ativo do sujeito nas instituições, algo que vivenciei intensamente durante minha graduação.

Desde o início, ao ingressar na universidade, deparei-me com a realidade de que as instituições não são apenas estruturas externas que me influenciam, mas são entidades com as quais interajo ativamente. Mauss e Douglas enfatizam o papel das instituições sociais na formação do indivíduo, uma perspectiva que se alinha perfeitamente com minha experiência ao perceber que a universidade não só moldava minha identidade como estudante, mas também me transformava em um sujeito atuante dentro de suas normas e valores.

A TAD, ao abordar as instituições como sistemas que mediam as práticas educacionais, tornou-se uma lente através da qual pude analisar minha participação na faculdade. Quando Mauss (2007) e Douglas (1985) falam sobre a influência das instituições na construção da identidade e Chevallard destaca o papel ativo do sujeito dentro delas, reconheço em minha própria trajetória essa interação dinâmica. Ao participar de diferentes instituições dentro da universidade, como salas de aula, PIBID, estágios, extensão universitária, , não fui apenas moldado por elas; eu contribuí para o funcionamento dessas instituições, ao mesmo tempo em que desenvolvia minha própria identidade acadêmica.

9.1 As aulas

Durante as aulas, principalmente na disciplina na qual discutimos a Didática da Matemática, conversamos sobre muitos conceitos e teorias da Didática. Seus pesquisadores, suas teorias, sua relação com o processo de ensino e aprendizagem. Algumas noções, como a de contrato didático, que regula as expectativas e comportamentos entre professores e alunos, se tornaram mais significativas e contemplaram minha experiência. Eu me via constantemente ajustando minhas ações e compreensões para atender às demandas institucionais, ao mesmo tempo em que as instituições se

adaptavam a mim, como estudante. Essa reciprocidade é um dos elementos centrais da TAD e um aspecto que vivenciei de maneira tangível.

Essa vivência trouxe à tona como as expectativas não são impostas unilateralmente, mas construídas em uma troca constante, onde tanto o aluno quanto a instituição negociam papéis e limites. Esse ajuste dinâmico, estudado na Teoria Antropológica do Didático, destaca que o conhecimento matemático, ou qualquer conteúdo escolar, não é transmitido de forma linear, mas sim mediado por diversas práticas e pactos implícitos.

Por exemplo, o contrato didático influencia tanto o que considero "esperado" em meu aprendizado quanto o que meus professores interpretam como sucesso ou dificuldade de ensino. Essa troca vai além do conteúdo, englobando também a adaptação às estratégias de ensino, às avaliações e à organização das aulas. O conceito da praxeologia, explorado por Chevallard, aprofunda esse entendimento, ao ilustrar como a prática docente inclui teorias e técnicas que precisam ser constantemente adaptadas, um processo que reconheço como parte fundamental da minha experiência de formação docente.

9.2 A experiência no PIBID: Reflexões sobre a adaptação pedagógica e as demandas institucionais

Quando participei do PIBID, a integração entre teoria e prática se intensificou. Sob a supervisão de professores experientes, pude aplicar conceitos teóricos em cenários reais de ensino. Aqui, a influência das instituições e o contrato didático tornaram-se ainda mais evidentes, pois precisei adaptar minhas abordagens para atender às necessidades dos alunos, ao mesmo tempo em que respeitava as normas e expectativas da escola onde atuava. Este período foi crucial para entender como as instituições educacionais moldam as práticas pedagógicas, alinhado às ideias de Chevallard sobre a influência das instituições no processo de ensino.

Durante minha formação acadêmica, a instituição escolar se revelou um conceito central, especialmente ao explorar os estudos de Yves

Chevallard, que introduz o termo "instituição" na Teoria Antropológica do Didático (TAD) como uma estrutura normativa que envolve práticas e saberes específicos. Segundo Chevallard, a instituição escolar organiza e distribui os saberes de maneira institucionalizada, moldando não apenas o que se ensina, mas também como e por que se ensina. Essa perspectiva me ajudou a entender melhor as dinâmicas entre professores, alunos e o conteúdo, bem como a relação complexa entre as expectativas da instituição e as necessidades individuais dos estudantes.

Nesse contexto, minha experiência no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) foi desafiadora, mas essencial para compreender como essas teorias se aplicam à prática. A prática proporcionada pelo PIBID trouxe à tona um dos principais desafios do ensino: lidar com as dificuldades dos alunos em conteúdos básicos de matemática. Enfrentar essas dificuldades exigiu, de minha parte, um olhar atento e uma adaptação constante para ajudar cada aluno a superar suas barreiras de aprendizado. Por vezes, identifiquei que essa lacuna no aprendizado inicial é influenciada pela própria estrutura da instituição, que, ao focar em conteúdos específicos, pode deixar de lado métodos personalizados que atendam à diversidade de necessidades dos alunos.

Além das dificuldades conceituais dos alunos, questões individuais e problemas especiais também revelaram grandes desafios. Convivendo com estudantes que apresentavam baixa visão, déficit de atenção e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)¹, percebi que cada caso exigia uma abordagem pedagógica diferenciada. Esses alunos demandam estratégias de ensino específicas e mais individualizadas, como adaptações nos materiais visuais, variações no ritmo das aulas e atividades que possibilitem maior concentração e engajamento. No entanto, trabalhar em um ambiente institucional que muitas vezes não oferece suporte suficiente para essas necessidades torna essa tarefa ainda mais complexa.

Ao longo da minha experiência no PIBID, percebi a importância da flexibilidade e da paciência no ensino. Adaptar conteúdos e métodos para alcançar alunos com diferentes dificuldades não é uma tarefa fácil, e muitas

vezes implica em ir além dos métodos tradicionais oferecidos pela instituição escolar. No entanto, esses desafios também me ensinaram o valor de desenvolver um olhar inclusivo e de criar uma prática pedagógica mais acessível e atenta às demandas dos alunos. Assim, a experiência no PIBID não só me preparou para enfrentar as complexidades da sala de aula, mas também me proporcionou uma nova compreensão da função docente: uma função que precisa constantemente equilibrar as expectativas institucionais com a realidade e diversidade dos estudantes.

9.3 Estágio Obrigatório

O estágio obrigatório representou o ápice dessa jornada. Foi nesse momento que compreendi plenamente como os conceitos de Chevallard sobre as instituições e os contratos didáticos se manifestam na prática cotidiana. Enfrentei desafios reais em sala de aula e percebi como as normas institucionais, tanto da escola quanto da universidade, influenciam diretamente a dinâmica do ensino e a aprendizagem dos alunos. Esse estágio consolidou minha visão de que, como sujeito dentro de uma instituição, tenho um papel ativo na formação dos processos educacionais, uma visão que é coerente com a abordagem antropológica da TAD. Essa compreensão se refletiu diretamente no plano de aula que elaborei, onde busquei envolver os alunos de forma a valorizar suas experiências e promover a troca de saberes.

9.3.1 Aula referente ao estágio obrigatório I, em turma de 7º ano

9.3.2 Descrição do planejamento

O planejamento foi estruturado de forma a abordar os objetivos específicos da unidade temática de Álgebra, com foco nas habilidades e

¹ O déficit de atenção refere-se a dificuldades em manter a concentração e focar em tarefas específicas, enquanto o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é uma condição neuropsiquiátrica caracterizada por sintomas como desatenção, hiperatividade e impulsividade, que podem interferir significativamente nas atividades diárias do indivíduo. O TDAH é frequentemente diagnosticado na infância, mas pode persistir na vida adulta. O manejo da condição geralmente envolve uma combinação de intervenções, incluindo terapia comportamental e, em alguns casos, medicamentos.

competências relacionadas à compreensão das relações entre as operações matemáticas. A metodologia adotada foi dividida em dois momentos distintos:

9.3.3 Introdução e explanação do conceito de multiplicação:

Iniciou-se a aula com uma introdução ao tema da multiplicação, fornecendo exemplos práticos para facilitar a compreensão dos alunos.

Utilizando recursos visuais como a lousa branca e o pincel, o conceito de multiplicação foi explicado de forma detalhada, passo a passo.

Durante essa explicação, os alunos tiveram a oportunidade de participar, perguntar e interagir, o que contribuiu para um melhor entendimento do conteúdo.

Após a explicação, foram apresentados alguns exercícios de multiplicação no quadro branco, permitindo que os alunos praticassem e aplicassem os conceitos recém-aprendidos.

9.3.4 Aplicação prática por meio de atividades impressas:

Na segunda parte da aula, os alunos receberam atividades impressas contendo problemas que envolviam a aplicação dos conceitos de multiplicação.

Antes de iniciar a resolução das atividades, os estagiários explicaram as instruções e os objetivos das atividades para garantir que os alunos entendessem completamente o que estava sendo pedido.

Os alunos foram encorajados a resolver os problemas de forma independente, mas também puderam fazer perguntas e solicitar ajuda quando necessário.

Caso os alunos não conseguissem concluir todas as atividades durante o tempo da aula, estas seriam deixadas como tarefa para serem concluídas em casa.

O planejamento incluiu uma avaliação contínua dos alunos, levando em consideração sua participação, comprometimento e desempenho durante a aula. Os recursos utilizados foram simples, mas eficazes, incluindo

a lousa branca, o pincel, as atividades impressas e o material de uso pessoal dos alunos. Essa abordagem proporcionou uma experiência de aprendizado interativa e prática, permitindo que os alunos aplicassem os conceitos de multiplicação de forma significativa e compreendessem suas relações com outras operações matemáticas.

9.3.5 Descrição da aula:

A aula começou com um anúncio importante da professora, que informou a todos que eu e minha colega Lucimara seríamos os responsáveis por conduzir as atividades do dia. Esse momento gerou uma mistura de nervosismo e entusiasmo em mim, afinal, seria a minha primeira vez liderando uma sala de aula.

Então, assumi meu lugar junto ao quadro branco e comecei a explicar o conceito de multiplicação. Enquanto eu escrevia, percebi que alguns alunos começaram a conversar entre si, mas felizmente voltaram a prestar atenção quando comecei a explicar o conteúdo. Foi um alívio ver que conseguia manter a atenção da turma durante a explicação inicial.

Durante a minha explicação, os alunos permaneceram em silêncio, o que me deixou bastante surpreso e satisfeito, pois demonstrava que estavam interessados no assunto. Para envolvê-los ainda mais, fiz algumas perguntas sobre a tabuada, e fiquei contente em ver que eles responderam sem dificuldades.

Após explicar o conceito, distribuí alguns exercícios em uma folha impressa para os alunos praticarem, o que achei ser uma boa maneira de reforçar o aprendizado.

Atividades de multiplicação

- 1) Richard comprou na granja 9 caixas de ovos, com 17 dúzias de ovos em cada caixa. Quantos ovos foram comprados?

- 2) Guto foi à feira na terça-feira e comprou 480 laranjas, na quarta comprou o triplo, e no sábado foi o quántuplo. Quantas laranjas Guto comprou a semana toda?
- 3) Henrique está reunido em casa com 5 colegas para fazer o trabalho da escola, ele mandou fazer 20 salgados para cada colega. Quantos salgados ele mandou fazer?
- 4) Em certa multiplicação teve o multiplicando 482 e o multiplicador é 26. Qual é o produto?
- 5) Fernanda ganhou 30 pacotes, com 10 doces em cada, ela distribuiu 80 desses doces entre os seus colegas da escola. Quantos doces ela ganhou? E Quantos restaram?
- 6) O jardineiro utiliza um balde com 18 litros de água por dia, para regar as plantas. Quanto ele vai utilizar de água para regar as plantas durante o mês de agosto?
- 7) Tiago saiu de casa para brincar com seus amigos. No caminho, comprou 6 cartelas com 5 adesivos em cada uma. Quantos adesivos ao todo Tiago comprou?

Na segunda parte da aula, foi a vez de minha colega assumir a correção das atividades, e os alunos participaram ativamente respondendo às questões no quadro.

Durante a resolução das atividades, houve um breve momento em que alguns alunos começaram a conversar, mas consegui rapidamente chamar a atenção deles de volta para as atividades, mantendo assim o foco da sala de aula.

No final da aula, tanto eu quanto minha colega conseguimos corrigir algumas atividades, deixando o restante como tarefa para casa. Apesar do tempo limitado, essa decisão foi importante para garantir que os alunos praticassem e revisassem o que aprenderam.

No geral, foi uma experiência bastante positiva. Conseguimos transmitir o conteúdo de forma clara e envolvente, além de manter a

disciplina na sala de aula. Estou animado para continuar aprendendo e crescendo como educador com mais experiências como essa.

9.4 Extensão universitária

Portanto, ao refletir sobre minha formação acadêmica, vejo claramente como as teorias de Mauss, Douglas e Chevallard não apenas explicam, mas também corroboram minha experiência pessoal. Ao atuar em diferentes contextos institucionais, evoluí como sujeito, adaptando-me às demandas e, ao mesmo tempo, moldando as instituições em que estive inserido. Essa compreensão me prepara para os desafios futuros na educação, com uma visão crítica e reflexiva sobre o papel das instituições no desenvolvimento do saber.

Ao longo da minha formação acadêmica, as atividades de extensão universitária desempenharam um papel crucial no meu desenvolvimento profissional e pessoal. A oportunidade de participar de programas e eventos como a Semana da Matemática, palestras, e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) permitiu-me vivenciar experiências que foram além das aulas convencionais. Através dessas atividades, pude não apenas aprimorar meu conhecimento teórico, mas também observar a aplicação prática da matemática em diferentes contextos e compartilhar saberes com outros colegas e professores. Esses momentos se tornaram essenciais para compreender o papel da extensão universitária na formação de um educador crítico e reflexivo.

A Semana da Matemática, em particular, foi uma das atividades que mais contribuiu para expandir minha visão sobre o ensino e a aplicação da matemática. Durante o evento, participei de oficinas, minicursos e palestras que abordaram temas diversificados, desde tópicos avançados em matemática pura até metodologias de ensino inovadoras para a educação básica. Essa diversidade de atividades me permitiu entender a amplitude do conhecimento matemático e a sua importância para diferentes áreas da sociedade. Além disso, interagir com especialistas e colegas de outras instituições me ajudou a perceber as inúmeras possibilidades de atuação na

área da educação matemática e a refletir sobre como esses conhecimentos poderiam ser incorporados no meu próprio ensino.

As palestras foram outro aspecto valioso da minha experiência de extensão universitária. Em cada palestra, pude aprender com profissionais experientes que trouxeram perspectivas reais sobre os desafios e as oportunidades na educação matemática. Essas palestras não apenas enriqueceram meu entendimento sobre o papel do professor de matemática, mas também despertaram uma consciência mais crítica sobre as demandas e expectativas das instituições educacionais. Esse contato direto com profissionais da área ajudou-me a construir uma visão mais madura sobre minha futura prática docente e a valorizar a importância de uma formação continuada, que me prepare para enfrentar os desafios e mudanças no ambiente educacional.

O PIBID, por sua vez, representou um momento transformador na minha trajetória acadêmica. Através desse programa, tive a oportunidade de atuar em escolas e colaborar diretamente com professores e alunos da educação básica. Essa experiência prática foi fundamental para que eu pudesse entender as reais demandas da sala de aula e aplicar os conhecimentos adquiridos na universidade de maneira mais dinâmica e significativa. Além disso, a convivência com colegas e orientadores me proporcionou um espaço de troca constante, onde pude compartilhar experiências e aprender com as observações e práticas dos outros. Participar do PIBID foi um processo que me ajudou a consolidar minha identidade como educador, sensibilizando-me para a importância da formação docente e para o compromisso social da profissão.

Assim, ao refletir sobre minha jornada acadêmica, percebo como cada uma dessas experiências de extensão universitária contribuiu para moldar minha visão crítica e ampliada sobre o papel das instituições de ensino. Através de eventos como a Semana da Matemática, as palestras e o PIBID, desenvolvi uma compreensão mais profunda sobre a reciprocidade entre o saber acadêmico e as demandas da sociedade. As teorias de Mauss, Douglas e Chevallard, nesse contexto, explicam e reforçam minha experiência,

ajudando-me a entender como, ao adaptar-me às expectativas institucionais, também contribuo para transformá-las e moldá-las. Essa compreensão não apenas enriquece minha formação, mas me prepara para os desafios futuros, com uma postura crítica e comprometida com a educação e o desenvolvimento do saber.

10. Do ensino ao Diálogo: Minha transformação como educador na construção do saber

Quando iniciei minha graduação, eu era alguém com uma visão simplista do que significava ensinar: acreditava que meu papel, como futuro educador, se resumiria a transmitir conhecimento, enquanto o aluno assumiria uma postura passiva de recepção. Esse "João" inicial carregava expectativas e curiosidades, mas ainda não compreendia a complexidade do processo de ensinar e aprender. Eu me via como alguém que apenas seguiria instruções e cumpriria um papel já definido, com pouca noção das nuances e das relações dinâmicas que permeiam a educação.

À medida que mergulhei nas disciplinas do curso e tive contato com novas teorias, essa visão começou a mudar. Estudar Didática da Matemática me abriu a porta para um universo de teorias e práticas que eu desconhecia. Conceitos como o contrato didático e a Teoria Antropológica do Didático (TAD) de Yves Chevallard me fizeram perceber que o processo de ensino não é uma via de mão única. Na verdade, ele envolve um constante jogo de expectativas, onde professor e aluno estão em uma relação de reciprocidade que exige adaptações e acordos, mesmo que implícitos, para que o aprendizado ocorra.

Essas teorias me mostraram que ensinar é mais do que transmitir conteúdo; é entender as dinâmicas institucionais que também interferem na sala de aula. O contrato didático, por exemplo, revelou a importância de ajustar minhas práticas às demandas e contextos dos alunos, enquanto a TAD me levou a refletir sobre a influência das normas e tradições escolares. Percebi que o ensino é permeado por regras não explícitas, que tanto os alunos quanto o professor seguem, moldando a forma como interagem e

aprendem. Esse entendimento me fez começar a ver o ensino como uma rede complexa e viva, onde cada agente possui papel e responsabilidades específicas.

Conforme fui assimilando esses conceitos, comecei a observar que ensinar é também um processo de transformação pessoal. A necessidade de entender o papel das instituições e das expectativas sociais na construção do conhecimento me fez rever minhas crenças e convicções sobre a educação. Passei a reconhecer que ser educador implica não apenas um compromisso com o conteúdo, mas com a formação crítica e social dos estudantes, exigindo de mim uma postura de constante reflexão e atualização.

Esse processo de transformação moldou uma nova identidade em mim como futuro professor. Sinto que deixei de ser aquele "João" com uma visão rígida e limitada da educação para me tornar alguém mais consciente da complexidade do ensino e dos desafios institucionais. A prática docente, para mim, agora significa estar atento não só às demandas dos alunos, mas também às pressões e expectativas que a instituição impõe sobre o processo educacional.

O que ficou de todo esse percurso foi a consciência de que o conhecimento vai além do conteúdo, sendo profundamente influenciado pelas relações que estabelecemos e pelos contextos em que nos inserimos. Hoje, sou um sujeito que entende a docência como um caminho de constante aprendizado e adaptação, onde teoria e prática andam juntas, moldando não só o ensino, mas também quem eu sou e a maneira como enxergo o mundo.

CONCLUSÃO

Ao longo da minha jornada acadêmica e de formação docente, vivi uma transformação profunda em minha visão sobre o papel do educador e a complexidade do processo de ensino-aprendizagem. No início, minha percepção sobre o ensino era bastante simplista; acreditava que ensinar se

resumia a transmitir conhecimento e que o aluno seria apenas um receptor passivo dessa informação.

No entanto, à medida que fui me aprofundando nas disciplinas, especialmente na Didática da Matemática e na Teoria Antropológica do Didático (TAD) de Yves Chevallard, comecei a perceber que o ensino é, na verdade, um processo dinâmico e relacional, onde professor e aluno estão constantemente interagindo, ajustando expectativas e adaptando-se mutuamente.

A experiência de atuar em sala de aula, tanto no PIBID quanto no estágio obrigatório, foi essencial para me ajudar a concretizar esses conceitos teóricos na prática. Em cada momento, percebi que o conhecimento não é algo que simplesmente se transmite de uma forma linear, mas sim algo que se constroi coletivamente, mediado por um "contrato didático", que envolve tanto o professor quanto o aluno, e por uma série de pactos implícitos que regem as interações no ambiente escolar. Esse processo de negociação de expectativas e papéis foi algo que vivi na prática, ao mesmo tempo em que as instituições educacionais se adaptavam a mim e eu ajustava minhas práticas para atender às necessidades dos alunos.

A reflexão sobre o contrato didático e as práticas pedagógicas em diferentes espaços formativos me permitiu entender melhor o papel das instituições na educação. A minha vivência no PIBID, por exemplo, foi um divisor de águas, pois me fez perceber como as instituições influenciam a construção do saber e como o professor deve estar atento a essas influências para adaptar suas estratégias e metodologias. Além disso, trabalhar com alunos que apresentavam dificuldades de aprendizado ou necessidades especiais, como TDAH ou baixa visão, me ensinou a importância de uma abordagem inclusiva, que reconhece as diversidades dos alunos e respeita seus tempos e formas de aprender.

Ao refletir sobre as contribuições de autores como Mauss e Douglas, que destacam a importância das normas e das estruturas institucionais na formação dos indivíduos, posso perceber como as instituições educativas

não apenas regulam o conteúdo que é ensinado, mas também moldam a maneira como aprendemos e nos posicionamos diante do saber. Essas teorias, ao serem aplicadas à minha experiência de formação, ajudaram-me a compreender a complexidade das relações que existem entre as expectativas da instituição, as necessidades dos alunos e as minhas próprias práticas como futuro educador.

Agora, ao final desse percurso, sinto-me mais consciente de que a docência é um processo contínuo de aprendizado e adaptação. Ensinar não é apenas transmitir conteúdos, mas também estar atento ao contexto, às necessidades dos alunos e às condições institucionais que moldam o processo educativo.

A reflexão constante sobre minha prática, aliada ao conhecimento teórico que adquiri, me permite enxergar a educação como uma ferramenta transformadora, capaz de promover mudanças não apenas no aluno, mas também em mim, como educador. Hoje, entendo que minha função vai além de ser um mero transmissor de saberes; sou também um mediador, alguém que precisa continuamente negociar as condições de ensino e de aprendizagem, reconhecendo as especificidades de cada aluno e ajustando-se às dinâmicas da sala de aula.

Essa jornada de formação docente me preparou para os desafios da educação, com uma postura crítica e reflexiva, consciente de que, como educador, sou parte ativa de um processo de construção coletiva de conhecimento, que envolve tanto a adaptação constante às necessidades dos alunos quanto o compromisso com as transformações que desejo ver nas instituições e no campo educacional como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEIRA , Susilene Garcia Da Silva . **Elas, nós, eu (entre professores que ensinam matemática): episódios de uma formação.** Campo Grande MS: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2022.

CAVALCANTE , José Luiz . **Teoria antropológica do Didático: reflexões sobre suas bases epistemológicas e antropológicas.** Bonito, Mato Grosso do Sul; Universidade Estadual da Paraíba, 2016.

DOUGLAS, M. **Como as instituições pensam.** Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. Editora USP. São Paulo: 2007.

SANTOS, Marcelo Câmara Dos . **A teoria antropológica do didático: uma releitura sobre a teoria.** Campo Grande: UFMS, 2015. v. 8. ISBN 2359-2842.